

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

ADULTOS ANALFABETOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE:

“VIXE, QUEM É A GENTE SEM LEITURA”?

Hélida da Paixão Rodrigues de Barrosⁱ

Silvano Messias dos Santosⁱⁱ

Joseval dos Reis Mirandaⁱⁱⁱ

Eixo Temático 12: Estudos da linguagem.

Resumo: Este artigo originário da pesquisa que analisou a construção da identidade com adultos e idosos analfabetos e/ou pouco escolarizados da comunidade de Chapada Grande, situada em Bom Jesus da Lapa – BA, tendo o seguinte questionamento: como as pessoas analfabetas e/ou pouco escolarizadas se veem, lidam com as representações e discursos negativos (re) produzidos e disseminados, cotidianamente, em nossa sociedade sobre e elas? A metodologia privilegiou a abordagem qualitativa e utilizamos a entrevista semiestruturada, tendo como interlocutores as pessoas analfabetas e/ou pouco escolarizadas da comunidade mencionada. Os resultados apontaram como se configura a construção da identidade dessas pessoas no universo da chamada sociedade grafocêntrica e o processo de exclusão/inclusão vividos pelos mesmos.

Palavras-chaves: Adultos analfabetos. Identidade. Linguagem. Sociedade grafocêntrica.

Resumen: Este artículo proviene de la investigación que examinó la construcción de la identidad con la de adultos analfabetos y las personas mayores y/o con escasa formación de la comunidad Chapada Grande, ubicada en Bom Jesus da Lapa - BA, con la siguiente pregunta: ¿cómo las personas son analfabetas y/o con escasa formación ven a sí mismos, frente a las representaciones negativas y los discursos de (re) producen y difunden a diario en nuestra sociedad y sobre ellos? La metodología a favor del enfoque cualitativo y utilizó una entrevista semiestruturada con las personas analfabetas como socios y/o poca educación de la comunidad afectada. Los resultados mostraron cómo configurar la construcción de la identidad de estas personas en el universo llamado a la sociedad grafocêntrica y el proceso de inclusión / exclusión que sufren.

Palabras clave: el analfabetismo adulto. Identidad. Lenguaje. Grafocêntrica Sociedad.

Considerações iniciais

O presente trabalho tem por finalidade analisar o processo de construção da identidade de pessoas analfabetas a partir de suas próprias histórias de vida, tendo como objeto de estudo adultos e idosos analfabetos e/ou pouco escolarizados moradores da comunidade rural de

Chapada Grande, localizada no município de Bom Jesus da Lapa – BA. Nessa comunidade, a única escola do povoado, cujo público a que atende vincula-se ao Ensino Fundamental e Médio, não trabalha com a modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Apenas, subsidia um projeto ligado ao TOPA - Todos pela Alfabetização, o qual acolhe jovens e adultos analfabetos e/ou pouco escolarizados do referido povoado ou comunidades circunvizinhas, pertencentes à classe sócio-econômica baixa e que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Assim, no intuito de analisar como as pessoas que não sabem ler e escrever se vêem, e em que medida incorporam/reproduzem o que é dito em nossa sociedade sobre elas, este trabalho, intitulado *A construção da identidade em relatos de adultos analfabetos: “Vixe, quem é a gente sem leitura”?*, nasce de uma pesquisa de campo na comunidade ora mencionada. A pesquisa se deu através de entrevistas feitas com adultos e idosos analfabetos e/ou pouco escolarizados pertencentes à comunidade citada, tendo como foco refletir sobre questões relacionadas à construção da identidade desses sujeitos a partir das suas experiências.

Para isso, a metodologia utilizada na pesquisa foi de cunho majoritariamente qualitativa, por esta se configurar como a mais indicada para esse tipo de trabalho, porque segundo Ludke (1986, p.13), “envolve a obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

Inicialmente, apresentaremos algumas ideias sobre o processo de exclusão/inclusão vividos pelas ditas pessoas analfabetas nos mais variados setores da chamada sociedade grafocêntrica, enfatizando quem são, de onde são e qual o perfil desses sujeitos, para num segundo momento tratarmos da seguinte questão: como se configura a construção da identidade no universo dos adultos e idosos analfabetos e/ou pouco escolarizados da comunidade rural de Chapada Grande? Em seguida abordaremos aspectos referentes à construção da identidade de adultos analfabetos a partir das experiências de vida relatadas pelos próprios interlocutores da pesquisa.

O adulto não escolarizado na sociedade letrada: tecendo considerações...

Em um primeiro momento, convém trazer para o debate o entendimento que se tem sobre o conceito de “analfabeto”. Afinal, o que significa “ser analfabeto”? Que idéias e/ou expressões vem à nossa mente quando escutamos ou lemos a palavra “analfabeto”?

De acordo com o atual Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o termo “analfabeto” recebe as seguintes definições: *que(m) não sabe ler nem escrever; que(m) desconhece ou conhece muito mal assunto ou matéria*. Complementando tais acepções, o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio B. H. Ferreira, compreende-se por “analfabetismo” “o estado ou condição de analfabeto” e “analfabeto” “é o que não sabe ler e escrever”, ou seja, é o que vive no estado ou condição de quem não sabe ler e escrever.

Com base nas definições concebidas pelos dicionários ao termo “analfabeto”, Soares (2006) manifesta:

Analfabeto é aquele que é privado do alfabeto, a que falta o alfabeto, ou seja, aquele que não conhece o alfabeto, que não sabe ler e escrever. Ao pé da letra, significa aquele que não sabe nem o *alfa*, nem o *beta* – *alfa* e *beta* são as primeiras letras do alfabeto grego; em outras palavras: aquele que não sabe o *bê-a-bá*. (SOARES, 2006, p. 30)

Entretanto, faz-se necessário lembrar que tais conceitos hoje difundidos em nossa sociedade não são exatamente os mesmos de tempos atrás, pois, como sabemos, as palavras e expressões, inevitavelmente, sofrem alterações ao longo de seu percurso histórico, em função de os fatores sociais, políticos e culturais também não serem estáticos e influenciarem o pensamento ideológico de cada época, interferindo, assim, na visão de mundo que se tem e na figura de homem que se pretende formar.

Para se compreender tais questões, talvez fazer uma retrospectiva histórica sobre o analfabetismo no Brasil – e no mundo – possa ajustar-nos nessa empreitada. Em síntese, podemos afirmar que o analfabetismo sempre existiu, ou seja, é tão antigo quanto à própria história da humanidade. Cabe ressaltar, entretanto, que ser analfabeto hoje não é o mesmo que ser analfabeto em outros tempos.

Como assinala Mortatti (2004), no Brasil, desde o período colonial, existia um grande número de pessoas que não sabiam ler e escrever nem tinham instrução elementar, ou de primeiras letras. Só que essa situação emergiu como um problema de ordem eminentemente política no final do período imperial, com a proibição do voto dos analfabetos. Com as taxas de analfabetismo reveladas pelos censos, a partir de 1872, data em que foi realizado o primeiro censo no Brasil, uma nova visão de analfabeto e analfabetismo passou-se a circular em nosso país.

Se voltarmos um pouco na história, perceberemos como se configurou esse fato. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, a população que aqui vivia era analfabeta. Os jesuítas, então, se encarregaram (assim como fez mais tarde outros povos invasores) de educar – e, sobretudo, catequizar –, os índios e os negros, focalizando suas ações educativas não nos

adultos, mas nos meninos. Depois, por volta da primeira metade do século XIX, sabe-se que a maior parte da população brasileira não morava nas cidades, mas no campo, e era analfabeta (PAIVA, 2003).

Neste momento, porém, pode-se dizer que as formas de comunicação e modos de pensar centrados na escrita eram menos importantes do que aqueles baseados na oralidade. É tanto que, na época, a circulação de livros era extremamente rara em nosso país. Ou seja: saber ler e escrever nesse período não era tão importante quanto hoje, pois a escrita quase não era utilizada pelas pessoas, mas, sim, a oralidade era mais presente no cotidiano destas: as rezas, os anúncios, as notícias, as decisões e a transmissão da tradição, por exemplo, se dava, principalmente, por meio das conversas, da narração de histórias, dos recados orais (PAIVA, 2003).

O analfabetismo, assim, estava presente em todos os grupos e camadas sociais, embora de maneira diferente: entre homens e mulheres escravos e libertos, entre proprietários de terra, entre homens e mulheres brancos, etc. Desse modo, o analfabetismo, ao contrário de hoje, não estava, ainda, associado diretamente à pobreza e exclusão social. Ou seja: ser analfabeto não era, necessariamente, ser “ignorante”, “pobre”, “rude”, “incivilizado”. O discurso que passa a associar o analfabeto ao ser “cego-surdo”, “incapaz”, “alienado” e “sem classe”.

Resumidamente, podemos dizer que, em tempos atuais, ser analfabeto, na visão de muitos, é o mesmo que “não saber ler e escrever”, “não ter conhecimento”, “saber menos”, “não ser capaz”, “não estar preparado”, dentre outras expressões – expressões estas sempre ou quase sempre carregadas de sentido negativo. Além disso, perceberemos que tais discursos e visões não surgiram “do nada”, mas foram (re) produzidos e disseminados social e historicamente, ou seja, são resultantes de um longo percurso histórico.

A esse respeito, Galvão e Di Pierro (2010) asseguram que, de forma preconceituosa, se define o analfabeto em nossa sociedade como “alguém que *não* sabe ler e escrever, é alguém que *não* é capaz, *não* é preparado, *não* é informado, *não* é humanizado, *não* tem conhecimento”. (GALVÃO E DI PIERRO, 2010, p. 10).

Diante do que foi exposto, poderíamos mais uma vez indagar: como essas pessoas que não sabem ler e escrever lidam com essas visões e discursos negativos produzidos social e historicamente sobre e em torno delas? Como elas próprias se vêem? Em que medida incorporam tais discursos e representações? Sabemos que o pensamento social dominante na atualidade atribui à alfabetização grande importância para os indivíduos e coletividade. Assim, saber ler e escrever é, hoje, fundamentalmente necessário aos olhares da sociedade, pois, segundo Galvão e Di Pierro (2010).

A alfabetização é considerada um dos pilares da cultura contemporânea, pelo valor que a leitura e a escrita adquiriram no modo de vida das sociedades urbano-industriais permeadas pela ciência e tecnologia, e também por ser uma ferramenta que permite o desenvolvimento de outras habilidades igualmente valorizadas nesse âmbito. (GALVÃO e DI PIERRO, 2010, p.13).

Diante dessas considerações, mais uma vez podemos nos questionar: se saber ler e escrever é tão valorizado no mundo de hoje, em função da dita sociedade da informação e do conhecimento, o que dizer daqueles e daquelas que não dominam o código da escrita e, portanto, não sabem ler e escrever? Podemos ir além e indagar: por que essas pessoas estão, hoje, na condição de analfabetas, ou seja, por que não aprenderam “no tempo certo” a ler e escrever? O que as impediram de se escolarizarem?

Sabemos que, ao longo de sua história, o Brasil tem enfrentado o problema da exclusão social que suscitou grande impacto nos sistemas educacionais. Assim, a alfabetização de adultos tornou-se temática preocupante e de real significado no atual contexto educacional brasileiro, em consonância com a Constituição Federal de 1988 e outras leis que anseiam por uma educação de qualidade que proporcione a concretização da cidadania, a garantia de direitos e o acesso à escola por todos os cidadãos e cidadãs. Convém salientar, entretanto, que o exercício desse direito, como sabemos, é um desafio que impõe decisões inovadoras.

A educação é um direito civil básico tornado explícito na Constituição do Brasil. Partindo desse princípio, vê-se a necessidade de se pensar em propostas que promovam a inclusão de todos – crianças, jovens, adultos e idosos, de ambos os sexos – no sistema educacional, visto que o que se verificou até aqui foi um modelo de educação marcado pela exclusão, injustiça e desigualdade social.

Dessa forma, no que diz respeito à proposta de universalização, solidariedade democrática e justiça social para todos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 9.394/96, nos artigos que tratam da Educação Básica (artigos 37 e 38), determina que todo cidadão independente de cor, raça, credo, nível social, tem direito à gratuidade da educação básica, quando oferecida pelo poder público, e adequação às características dos alunos, seus interesses, condições de vida e trabalho.

É preciso encarar a educação como uma concepção de direito voltado a todos. Entretanto, o sistema educacional brasileiro tem favorecido historicamente os grupos sociais detentores de poder, negligenciando a educação das camadas populares, ou seja, dos chamados oprimidos. Assim, no que se refere à alfabetização, sabemos que ainda há um longo caminho a percorrer.

Dentro desse contexto, podemos dizer que a educação de adultos, embora muito discutida nos últimos anos, sempre ocupou um espaço marginal em relação à escolarização formal. Os investimentos em várias campanhas, programas e projetos tanto federais quanto estaduais e municipais voltados para a alfabetização desses sujeitos apontaram poucos avanços, pois, entre outros fatores, se configuravam em processos descontextualizados da realidade dos seus participantes e constituíam-se apenas na possibilidade da leitura e da escrita, às vezes de caráter assistencialista, sem a preocupação da continuidade destes nos sistemas de ensino, não havendo inquietação com a causa da inclusão social, política, econômica e cultural.

Entendendo a educação numa perspectiva abrangente, que vá além da sala de aula, Freire (1989) defende que a educação para adultos deve ir além do “simples ensinar a ler, escrever e contar”, pois muito além das exigências do domínio de habilidades da leitura e da escrita vão as novas demandas do mundo contemporâneo para o exercício pleno da cidadania. Neste contexto, a alfabetização não pode ser reduzida ao aspecto da aquisição pura e simples do código alfabético e numérico, em detrimento da categoria de cidadania e da perspectiva do estabelecimento de bases para uma educação continuada.

Desse modo, compreendermos as especificidades dos educandos jovens, adultos e idosos requer o despertar de um olhar sensível sobre a questão, de modo que o respeito e a valorização das diferenças sejam legitimados. Em suma, podemos assegurar que a especificidade desses sujeitos decorre do fato de serem sujeitos jovens/adultos/idosos, maduros, experientes, trabalhadores ou pretendentes à (re) inserção no mercado de trabalho, com uma história de vida definida e com experiências concretas.

É preciso, portanto, garantir a inclusão efetiva desses sujeitos na escola, oferecendo-lhes uma educação integral, não utilitarista ou compensatória, mas uma formação crítica, reflexiva, conscientizadora, emancipadora, que lhes oportunize a abertura de caminhos no sentido de fazê-los entender e dominar as novas técnicas da sociedade da informação e do conhecimento para poder participar da transformação da mesma, tornando-a mais democrática. Ou seja: não basta apenas alfabetizar o sujeito mecânica e superficialmente; é preciso oferecer-lhe uma formação mais ampla, que o capacite para a vida.

A construção da identidade em relatos de adultos analfabetos da comunidade rural de Chapada Grande: “Vixe, quem é a gente sem leitura”?

Referendando-se em autores contemporâneos como Bauman (2005) e Hall (2000; 2001), por exemplo, podemos dizer que se até a alguma décadas o termo “identidade” não estava nem perto do centro do nosso debate, atualmente é um conceito que tem sido extensamente discutido e utilizado em diversas áreas do conhecimento por diferentes sociólogos, antropólogos e teóricos, configurando, assim, o “papo do momento”.

Assim, como os termos “analfabetismo”, “analfabeto” e “alfabetização” sofreram mudanças em seus significados ao longo dos tempos, como já mencionamos, a palavra “identidade”, por também não ser algo constante/fixo/invariável, está sujeita a alterações. Mas por que isso acontece?

Em se tratando do “ser analfabeto”, o que significaria entrar em “crises de identidade”? Seria não se aceitar do jeito que é? Envergonhar-se? Perder a autoestima? Enfim, o que leva uma pessoa a não aceitar-se, ou seja, a não se identificar com a sua imagem refletida no espelho? Teria o contexto social, econômico, político e cultural alguma coisa a ver com isso? É claro que sim. Em se tratando do alfabetismo/analfabetismo, sabe-se que, em virtude desses fatores, novas, intensas e variadas práticas de leitura e escrita fazem emergir ao longo dos tempos novas necessidades e visões de mundo, delineando, assim, a forma de as pessoas se olharem – o que constitui traços de sua identidade.

E como as ditas pessoas analfabetas da atualidade se olham? “Ser analfabeto hoje,” é o mesmo que “ser analfabeto ontem”?

Partindo do princípio de identidade como metamorfose, faz-se conveniente trazer para o debate a proposta de Kolyniak & Ciampa (1993), os quais entendem identidade como construção/reconstrução/desconstrução constantes que acontecem no convívio social, no dia-a-dia das pessoas, na multiplicidade das experiências vividas, na teia das relações estabelecidas ao longo da vida.

Poderíamos afirmar que a identidade se forma em um processo contínuo de estruturação e reestruturação que vai acontecendo ao longo da vida, impulsionado pelas relações sociais estabelecidas, as quais se tornam “modelos/padrões” que favorecem, às pessoas, a produção de uma imagem de si mesmas, ou seja, a sua identidade.

E o que dizer do processo de construção da identidade em relação ao analfabeto? Como elucidado na seção anterior deste trabalho, ninguém é analfabeto porque quer, porque gosta ou simplesmente porque optou estar nesta condição. O fato é: compreender as razões que movem uma pessoa na direção de alfabetizar-se envolve conhecer o que representa “saber” e “não saber ler e escrever” numa sociedade letrada, como esta pessoa se considera,

como se constitui a identidade de quem se propõe a ler e a escrever, sua autoimagem, sua imagem social, como concebe a conquista da cidadania e o resgate da “dignidade subtraída”.

É importante lembrar que, geralmente, quando falamos ou ouvimos os termos *analfabetismo* ou *analfabeto* logo os associamos a um público específico: o adulto. Dificilmente associamos a imagem do analfabeto à criança. Essa questão nos remete tanto à especificidade etária como à especificidade cultural, ou seja, tanto à concepção de corte por idade (jovens e adultos são, basicamente, “não crianças”) quanto ao fato de a maior parte das pessoas analfabetas pertencerem a um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneas.

Quanto à identidade, podemos dizer que a especificidade etária e, de forma mais ampla, cultural, constitui traços identitários das pessoas consideradas analfabetas. Por este ângulo, a constituição do estado de analfabetismo, como se sabe, começou na infância, com a situação socioeconômica da família, o que contribuiu para que a frequência na escola fosse nunca iniciada ou interrompida. Esse adulto analfabeto tem sua imagem formada a partir da identidade construída nesta situação socioeconômica: uma vida de pobreza, trabalho intenso, e não necessidade de ler e escrever, tomando como base os valores e princípios das práticas sociais exercidas nos contextos de sua infância e dos grupos dos quais um dia fez parte.

Sobre os jovens e adultos que não sabem ler e escrever faz-se oportuno lembrar que os estudos já realizados nessa esfera apontam resultados em duas vertentes: de um lado, está a rica diversidade cultural da sociedade brasileira; de outro, encontra-se trajetórias de vida relativamente homogêneas. Neste sentido, faz-se mais uma vez cabível as palavras de Galvão e Di Pierro (2010) ao afirmarem que:

A ampla maioria dos analfabetos é constituída por pessoas oriundas do campo, de municípios de pequeno porte, nascidas em famílias numerosas e muito pobres, cuja subsistência necessitou da mão-de-obra de todos os membros desde cedo. O trabalho precoce na lavoura, as dificuldades de acesso ou a ausência de escolas na zona rural impediram ou limitaram os estudos dessas pessoas na infância e adolescência. (GALVÃO e DI PIERRO, 2010, p. 16).

Nesse sentido, figuram algumas falas de pessoas analfabetas e outras pouco escolarizadas^{iv}, as quais relatam sobre suas histórias de vida e experiências relacionadas à dificuldade de acesso ao processo de escolarização que tiveram:

Eu sempre morava na roça, longe da escola. A escolinha que tinha, ói, ficava bem longe de casa e aí como eu ía estudar? Não dava; por isso, meus

pais mim tirou da escola – eu e meus irmão. A vida era difíci. Nem se a escola fosse perto não sei se dava pra eu estudar: tinha que ajudar minha mãe na roça. Sinto muita falta do estudo. O estudo é importante. Mas fazer o que, né? Se Deus quis assim... (Helena, agricultora).

Só aprendi assinar o meu nome. Mau pai me botou na escola e eu fiquei lá mais ou menos uns 15dia. Depois meu pais me tirou da escola pra ajudar ele na roça. Aí eu nunca mais tive a oportunidade de estudar. Me casei, tive meus filhos e aí não deu mais pra voltar pra escola estudar. Só sei bastante matemática. Sei medi terra, fazer cálculos de cabeça. Não conheço o ‘o’, mas sei fazer outras coisa. (João, pecuarista).

Ao analisarmos os depoimentos, podemos chegar à conclusão de que o adulto analfabeto tem parte de sua imagem formada a partir da identidade construída em sua própria situação socioeconômica: uma vida de pobreza, trabalho intenso, dentre outros. Ficou evidente nas falas acima expostas que, quando nos referimos ao analfabeto na sociedade letrada, ou seja, ao sujeito que vive no mundo escolarizado e que não domina a tecnologia escrita, estamos, na verdade, nos referindo a um grupo social caracterizado pela homogeneidade.

Percebemos ainda que se trata de um grupo composto, em sua maioria, por pessoas da zona rural ou migrantes desta, trabalhadoras em ocupações geralmente braçais e com uma história descontínua e “mal sucedidas” de passagem pela escola. Podemos perceber ainda, nas falas expostas que, pelo contexto ao qual pertencem, os sujeitos depoentes são filhos de pais também trabalhadores de ocupações braçais principalmente a lavoura e igualmente analfabeto.

Em outras palavras, podemos dizer que foram raras na vida cotidiana dessas pessoas as situações envolvendo a leitura e a escrita, como diz uma das entrevistadas

Na minha época não tinha escola perto de casa e por isso meu pai não me botou na escola porque era longe e ele tinha medo de me deixar sozinha pelas estrada. E a gente quase não usava a escrita. Só quando ía escrever carta. Aí meu pai chamava uma vizinha que escrevia pra ele. (Zefa, agricultora).

Diante do depoimento acima percebemos que os saberes adquiridos no trabalho muitas vezes costumavam ser mais valorizados do que os conhecimentos veiculados pela escola. Isso porque o trabalho doméstico e a lavoura exigiam apenas instrução verbal, dificilmente escrita. Como sabemos, os contatos sociais limitavam-se à famílias e vizinhos, e as situações cotidianas envolvendo a escrita e a leitura giravam restritamente em torno de eventuais cartas, cerimônias religiosas ou simples anotações.

Hoje, porém, outra visão de leitura e escrita se faz presente em nossa sociedade (chamada por muitos de “sociedade da informação”, “sociedade tecnológica”, “sociedade do

conhecimento”, “sociedade grafocêntrica”). Uma coisa é certa: a todo o momento estamos, quer seja escolarizados ou não, envolvidos em situações cujas práticas de escrita e leitura estejam a elas de alguma forma vinculadas. Essas circunstâncias ficam evidentes nos depoimentos a seguir:

A gente precisa da escrita na vida da gente pra tudo, né? E quem não tem sofre. (João, pecuarista).

Acho que para aprender não tem idade. Qualquer hora é hora. Voltei a estudar e tô gostano. A escola ensina as pessoa, educa elas, faz a gente se sentir cidadão. Estudar é muito bom. (Maria Aparecida, dona de casa).

Nesse sentido, Galvão e Di Pierro (2010) acrescentam:

No contexto urbano letrado, as habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo passam a ser adquiridas com maior frequência para a resolução de questões financeiras e burocráticas, para a obtenção de emprego e desempenho profissional, para a orientação e deslocamento nos espaços em domínio dessas habilidades, os analfabetos não se ressentem somente das limitações objetivas com que se defrontam, mas se sentem especialmente constrangidos com rótulos pejorativos e a desqualificação simbólica que a sociedade lhes impõe. (GALVÃO e DI PIERRO, 2010, p. 20)

E como essas pessoas definem o “ser analfabeto”, ou seja, para elas, o que significa estar na condição de analfabetas? Ou seja: como elas próprias se definem, se enxergam, se vêem? Nos depoimentos, percebe-se a consciência dos entrevistados de serem estigmatizados. Eles próprios se atribuem muitas características negativas, dentre elas a de serem “ignorantes” e “cegos”. Chegam a se considerar como sendo um “nada”:

Quem não sabe ler é um “zé ninguém”. Não serve pra nada, né? Ninguém valoriza. (Helena, agricultora).

É como se fosse cego, sem conhecimento... (Quinca, agropecuário).

Compreendemos que o conceito de analfabeto, segundo os participantes da pesquisa, é bastante diverso: “analfabeto é quem não sabe escrever seu próprio nome”, “é aquele que não tem leitura”. Verificamos, porém, que a essas simples conceituações costuma associar-se outras acepções como um perverso condicionante da autoimagem: a ignorância, a pobreza e a indignidade. Na declaração que se segue, percebe-se, por um lado, o valor do depoente em relação à escrita, e por outro, uma resistência para se garantir uma identidade que, na visão do mesmo, não se garante na sociedade letrada. Assim, na resposta à pergunta “Como você se sente sem saber ler e escrever”?, Esse sujeito se mostra na sua contradição e no seu conflito de identidade:

Eu penso assim: Vixe, quem é a gente sem leitura? É claro que não somos nada, né? Eu sou um cidadão, tenho uma família, um trabalho... Então somos alguma coisa, sim, só não somos como as pessoas que sabe ler e escrever bastante, que pode arrumar um serviço melhor e ser mais respeitada. As pessoas sem leitura não são respeitadas. As pessoas discrimina mesmo. A gente vê nos olhar. Às vezes a pessoa não fala, mas a gente percebe o desprezo pela gente: no banco, na rua, no hospital, nas viagem, na hora de buscar um serviço. Então é por isso que eu quero que meus filhos estude pra ter outra vida, um emprego que preste e não passe pelos mesmo apuros que o pai deles passou. Essa vida de roça é muito pesada e eu quero que eles se esforce bastante pra ter um amanhã melhor. Já eu tô velho, não vou aprender mais não. Foi minha sina, né? Mas fazer o quê? E a mesma coisa aconteceu com meus irmãos. Eles também não sabem ler. Só se aprendeu depois de velhos. Mas nosso pai sempre deu bom exemplo pra nós e ensinou a gente a ser honesto e trabalhador. Acho que isso é ainda mais importante que a escrita. Não adianta nada ter diploma e não ter honestidade, né? Então é isso que eu acho. (João, pecuarista)

Podemos dizer que, por se sentirem constrangidas com os rótulos pejorativos e desqualificadas simbolicamente pela sociedade, muitas dessas pessoas com pouca familiaridade com a leitura/escrita se assumem inferiores em relação às escolarizadas, o que as fazem muitas vezes recorrer a estratégias para ocultar a condição de analfabetas, negando, assim, sua própria identidade. Em outras palavras, esse sentimento de vergonha e inferioridade, que muitas vezes leva pessoas a esconderem sua condição de analfabeta, é fruto da imagem social em relação ao analfabeto. Ou seja: ser analfabeto aos olhos do outro gera no indivíduo sentimento de vergonha, como pode ser evidenciado no depoimento seguinte:

Eu já tentei muitas vezes tentar esconder o meu lado de não ter leitura, sabe? Mas nem sempre a gente consegue. Um dia, mesmo, eu passei uma vergonha danada. Eu entrei num banheiro público e, como eu não sei ler, entrei no banheiro errado. Uma mulher mi viu lá dentro e ficou espantada. Quando saí pra fora, vi um home entrar noutro banheiro do lado e só então fui vê que tinha entrado no banheiro das mulher. Agora presto mais cuidado: olho nas figura que tem na porta. Se tiver um ‘bunequim’ com saia, sei que ali é banheiro das mulher; se o desenho for um home, sei que o banheiro é dos home... esses ‘desein’ ajuda a gente que não sabe ler. Todo banheiro devia ter um. (Sebastião, carvoeiro).

É importante destacar, porém, que nem todas as pessoas analfabetas sentem-se diminuídas ou internalizam os preconceitos, estigmas e pré-julgamentos. Muito pelo contrário. Muitas delas reafirmam serem capazes e inteligentes, preservam a autoestima, não se sentem “menores”, bem como se reconhecem dotadas de saberes e produtoras de cultura.

Eu não tenho leitura, mas sou cidadão como qualquer um. Falo com qualquer político, prefeito, vereador, homem de lei. Só não sei ler e escrever, mas isso não me deixa com vergonha. Consegui criar minha

família e tenho muito orgulho disso. Acho que a gente precisa valorizar o que a gente é, não acha? (Gilberto, comerciante).

Quando perguntado por que não voltam a estudar, percebemos, em alguns testemunhos, a internalização da idéia de que estudar “é coisa de novo”, outro traço de identidade. Assim, declararam:

Eu queria estudar quando eu era nova. Agora não. Já criei meus ‘fi’ mesmo, agora vou me apusentar e me inquietar no meu canto. Meus ‘fi’, sim, eles eu quero que estuda pra que no amanhã eles possa ter um futuro mió... (Dona Filomena, aposentada).

Eu aprendi só o meu nome mesmo. Mas acabei esquecendo depois. Eu pedi pra minha filha me ensinar o ABC mais desistir. É muito difícil decorar aquelas coisa. Não tenho cabeça ‘praquilo’ não. To velho, não aprendo mais não. E estudar pra que, né? Vou morrer logo mesmo, né? [risos] Levar estudo pro buraco eu não vou. Se vivi até aqui assim, vou precisar de estudo mais pra quê? (Bartolomeu, agricultor).

Para outros, aprender a assinar apenas o nome “já tá bom”, uma vez que escrever o próprio nome eleva a autoestima: além do significado que o gesto representa, o sujeito se percebe aceito socialmente, ou seja, sua imagem social se altera, torna-se mais valorizada, dando à pessoa a possibilidade de superar o estigma do analfabetismo.

Para concluir, achamos oportuno trazer para o trabalho o relato que se segue, no qual Manuel, um dos entrevistados, fala de si e de sua relação com o mundo da escrita de acordo com determinados valores, mostrando-nos, com riqueza de detalhe, elementos associados à construção de sua identidade e que estão intrinsecamente relacionados às discussões travadas neste trabalho.

Meu nome é Manuel Pereira da Silva, tenho 55 anos de idade. Nasci no município de Bom Jesus da Lapa, na comunidade de Capoeiras, e fui embora daqui pro Paraná novo, quando tinha a idade de 16 anos. Sempre trabalhei na roça, labutando com gado e mexendo com lavoura. Já fiz de tudo nesta vida. Aí, depois de casado, voltei pra Bahia, pra perto da minha família. Hoje moro aqui em Chapada Grande. Não tenho leitura, “malemá” assino o nome mesmo.

Quando saí da Bahia da casa de meus pai , naquele tempo não tinha escola perto. Saí rapaz novo com 16 anos de idade e não tive oportunidade de estudar. Eu fui na escola não chegou um mês e aí meu pai me tirou porque era longe e tinha que ajudar na roça. E eu sempre morei em fazendas e nunca morei, assim, em lugar adequado no tempo que era novo.

Muitas vez a gente acha que se tivesse um conhecimento melhor de letra a vida era mais fácil de sobreviver. Porque a gente fica sem conhecimento, muitas vezes sem poder tirar habilitação, sem poder ter uma vida melhor.

Já deixei de ter empregos bom por não ter leitura. E isso aí é uma coisa que sempre acontece na vida da pessoa que não tem leitura. Muitas vezes deixei de conseguir emprego por causa disso. Isso já aconteceu comigo várias vezes.

[...] Já sofri preconceito por não saber ler e escrever. Muitas vezes em viagem. Em viagem a gente passa muita aflição. Porque não conhecer e esperar o carro mais ou menos quando vem e ter que ver pela marca da passagem. E ao pedir informação também. Tem que pegar muita informação porque muitas vezes a pessoa pode pegar uma coisa errada por não saber ler e escrever. Outra coisa também que eu acho difícil: é que a pessoa que não tem leitura é porque não tem o conhecimento e tem que andar meio baseado pelas coisas.

[...] É... Já senti, sim, vergonha por não saber ler e escrever... Muitas vezes a pessoa esconde [que é analfabeta]. Porque eu já escondi muitas vezes pra ninguém perceber. Eu conversando muitas pessoas pensam que tenho uma boa leitura e não tenho. Pessoas pensam, até já me perguntaram se eu já fiz algum curso, mas eu “malemá” garrancho o meu nome aprendido pelos outro. Tipo de um desenho. Eu... Minha assinatura é como um desenho.

[...] Eu não me sinto menor do que os outro que é formado. É que tem muitas coisa que a gente entende, né, assim, sabe, a gente aprende no mundo viajando. E muitas dessas experiência muitas vezes talvez o estudado não têm. Tem que sofrer muito, bater muito com a cabeça. A pessoa muitas vez tem que arriscar, muitas vez pra...é... em conversa aprendendo com os outro. Porque eu pra chegar a esse conhecimento eu conversava muito com as pessoas que tinha o conhecimento de letra, pessoas de alto nível, pessoas da lei. Conversei muito pra chegar a esse conhecimento.

Mas a leitura é importante, né? Aliás, muito importante. Hoje em dia se você vai arrumar um emprego e é analfabeto, vai arrumar que emprego? Se não sabe ler é logo descartado. É por isso que a maioria das pessoas que trabalha na roça ou em qualquer serviço pesado não sabe ler. Se essas pessoas sabisse ler e escrever, né, elas com certeza não tava trabalhando nesses serviço, mas em serviços mais leve e mais melhor.

A vida sem leitura é difícil. Ela é importante na vida da gente pra tudo. Por isso que eu aconselho meus filhos a estudar, pois hoje as coisa tá mais fácil, só não estuda quem não quer. Já na minha época a coisa era mais difícil. (Manuel, morador de Chapada Grande).

Encontraremos no depoimento acima vários momentos aspectos ligados à construção da identidade desse sujeito. Manuel inicia a narrativa com informações sobre o nome e o lugar onde nasceu, bem como relata sua trajetória de vida, caracterizada por migrações e circunstâncias relacionadas à “falta da leitura e escrita”. Como se pode vê, as avaliações de Manuel sobre a leitura e a escrita são carregadas de sentido ideológico e seus posicionamentos representam traços característicos de sua identidade. Durante todo o relato, uma coisa é certa: Manuel o tempo todo avalia positivamente a escrita e a leitura: “[...] a leitura é importante, né? Aliás, muito importante. Hoje em dia se você vai arrumar um emprego e é analfabeto, vai arrumar que emprego?”.

E o que é “ser analfabeto” na visão de Manuel? No quinto parágrafo, Manuel caracteriza o analfabeto como uma pessoa que “não tem o conhecimento” e que, por isso, precisa “andar meio baseado pelas coisas”, evidenciando, assim, traços de sua identidade. Tal depoimento dá a entender tratar-se de uma relação entre o analfabeto (visto por ele como

uma pessoa sem conhecimento) e o escolarizado (em quem precisa basear-se), pois este, por dominar a ‘tecnologia’ da escrita, é, segundo ele, um ser confiável, dono do saber.

Assim, percebemos por meio das falas de Manuel a imagem que ele, enquanto adulto não escolarizado, tem de si em relação ao grupo de alfabetizados; imagem esta marcada pela falta de autoestima e pela insegurança. Por outro lado, fica evidente no testemunho de Manuel seu conflito de identidade: ao mesmo tempo em que não se sente “menor” em relação ao escolarizado, sente vergonha por não dominar o código da “tecnologia” escrita.

E o que dizer dos estigmas, preconceitos e pré-julgamentos sofridos por essas pessoas na sociedade marcada pela presença da escrita? A esse respeito, Manuel assinala o seguinte: *“Já sofri preconceito por não saber ler e escrever”*. E conclui dizendo que *“a vida sem leitura é difícil”*, pois *“ela é importante na vida da gente pra tudo”*, razão que o faz incentivar os filhos a estudar.

Enfim... Saber ler e escrever é, hoje, uma das necessidades básicas impostas por uma sociedade cada vez mais marcada pela presença da escrita. E a escola como sabemos, vista como parte importante desse mundo e principal agência alfabetizadora, não pode ignorar esse processo. É um espaço onde os sujeitos que não tiveram a oportunidade de “aprender a ler e escrever no tempo certo” pode ter a chance de adquirir os códigos e símbolos culturais para a sua inserção na sociedade grafocêntrica, tão importantes na cultura globalizada em que vivemos. Daí a necessidade de encarar a educação como uma concepção de direito e com qualidade voltada para todos.

Considerações finais...

Neste trabalho, buscamos mostrar, a partir de relatos de adultos analfabetos, a construção da identidade desses sujeitos e sua relação com o mundo da cultura escrita. Assim, este estudo tentou refletir sobre como se configura a construção da identidade dessas pessoas no universo da chamada sociedade grafocêntrica e analisar o processo de exclusão/inclusão vividos pelos mesmos em situações muitas vezes marcadas por pré-julgamentos, estigmas e preconceitos.

Portanto, consideramos que este trabalho não se dá por encerrado: trata-se de uma temática ainda muito carente de novas discussões e olhares, outros estudos e análises. Em suma, espera-se que as discussões aqui apresentadas tenham suscitado algumas reflexões:

- O que significa “analfabetismo”? E “analfabeto”? Que idéias e/ou expressões vem à nossa mente quando escutamos ou lemos a palavra “analfabeto”?

- Há preconceito contra o analfabeto na sociedade em que vivemos? Por que ele existe? Como surgiu?
- Como as pessoas que não sabem ler e escrever lidam com as visões e discursos negativos produzidos social e historicamente sobre e em torno delas? Como elas próprias se vêem? Em que medida incorporam tais discursos e representações? Por que incorporam tais discursos e representações?
- De que forma as políticas públicas abordam a questão do analfabetismo no Brasil? E o que dizer da escola? Como esta trata a questão?
- Se a educação é direito de todos, por que muitos não têm acesso a essa educação? O que fazer para garantir a todos esse direito?

Preferimos, assim, “terminar” este trabalho com perguntas, ao invés de respostas. E aí estão algumas perguntas; vamos buscar as respostas?

Referências

- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, MEC, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2010.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: HALL, S; SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- KOLYNIK, H. M.; CIAMPA, A. C. **Corporeidade e Dramaturgia do cotidiano**. In: KOLYNIK, H. M.; CIAMPA, A. C. *Discorpo: revista do Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP*. n.2 (março, 1994). São Paulo: O Departamento, 1993, p. 9.
- LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.
- PAIVA, Vanilda. **História da educação popular no Brasil: educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 2003.
- SOARES, MAGDA. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ⁱ Graduanda em Pedagogia pela UNEB – Campus XVII – Bom Jesus da Lapa – BA. - Bahia. Email: helida_barros@hotmail.com

ⁱⁱ Graduando em Pedagogia pela UNEB – Campus XVII – Bom Jesus da Lapa – BA. Professor Contratado pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Email: silvano_uneb2009@yahoo.com.br

ⁱⁱⁱ Doutor em Educação e professor da Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Departamento de Educação. E-mail: josevalmiranda@yahoo.com.br

^{iv} Para preservar a identidade dos entrevistados optamos em utilizar nomes fictícios.